



RENAULT
MÉGANE
2003 / 198.200 KM / DIESEL

**CARLOS SILVA
& FILHO, LDA.**
AGENTE PICO E FAIAL



Telefone: 292 629 073 (Pico) / 292 943 976 (Faial)
Facebook: Carlos Silva & Filho, Lda.

JP **Jornal** do PICO

Sai às sextas-feiras

Diretora interina: Maria Isabel Raposo

Ano XII

Nº 624

15 de abril 2016

€ 0.70

Vencedora pelo segundo ano do prémio satisfação dos clientes do "Booking.com"

Pousada de Juventude do Pico regista ligeiro decréscimo nas dormidas



» *Contrariando a tendência verificada no conjunto das pousadas de juventude dos Açores, em 2015 a Pousada de Juventude da Ilha do Pico registou um ligeiro decréscimo nas dormidas, comparativamente com 2014. A Pousadas de Juventude dos Açores, SA desvaloriza por entender que se trata de "uma exceção e que esta pousada tem todas as condições para voltar a crescer".*

Página 2

No próximo fim de semana

IV Pixfashion em São Roque

Página 2

Concurso de desenho

Novo Porto de São Roque do Pico

Página 3

D. Ximenes Belo já aceitou o convite

Colóquios da Lusofonia no Pico em 2018

Página 6

Produtos dos Açores

Em destaque no EL Corte Inglés

Página 7

CONSTRUÇÕES RUI PEREIRA



**BOAS RAZÕES
PARA INSTALAR
CALEIRAS EM
SUA CASA**

Zona Industrial da Madalena | 9950-321 Madalena do Pico
Tel: 292 623 655 | Fax: 292 623 849 | Tlm: 961 961 239
geral@ruipereira.pt.

- . Aumenta a durabilidade da pintura exterior
- . Evita limos e marcas do percurso de águas
- . Reduz a humidade dentro de casa
- . Diminui o ruído da chuva a cair
- . Evita as goteiras de água
- . Desvio da água para o local de drenagem
- . Possibilidade de aproveitamento das águas da chuva



Músico atua na quinta-feira, 25 de agosto

Anselmo Ralph na Semana dos Baleeiros

Direitos reservados



» A estreia de Anselmo Ralph na ilha do Pico acontece a 25 de agosto, quinta-feira, no palco principal da Semana dos Baleeiros. A confirmação do concerto, sobre o qual já se falava há alguns dias, surgiu ao início desta semana pelo presidente da Câmara Municipal das Lajes no programa radiofónico Culturpico FM, na *Rádio Montanha*.

O músico angolano tem brilhado em diversos países com os seus temas do género r&b. "Não me toca", lançado em 2012, e "Única mulher", de 2013, são dois dos seus temas mais conhecidos. A festa maior das Lajes do Pico decorre em 2016, quando comemora 30 anos, de 22 a 28 de agosto, com organização da autarquia.

Antes...

» Madalena assinala Dia Mundial da Atividade Física

A comemoração do Dia Mundial da Atividade Física, pela autarquia, aconteceu a 6 de abril com um vasto programa desportivo, que reuniu mais de 600 pessoas no complexo desportivo madalense. No local esteve também uma equipa de enfermeiros da Unidade de Saúde de Ilha do Pico que realizou, gratuitamente, rastreios de saúde.

... Depois

» Cultura e desporto, em São João

Continuam os jogos tradicionais todos os dias (21 horas); no domingo, dia 17, há também futsal no Campo da Escola de São João (15 horas).

» Desfile de Moda Sénior, na Madalena

Sábado, dia 16, na Sociedade Filarmónica União e Progresso Madalense (21 horas) desfile de moda, masculina e feminina, pelos alunos da Universidade Sénior.

» Noite de Chamarrita, na Prainha

Amanhã (22 horas), na sede da Sociedade Recreio União Prainhense, chamarritas com a presença de diversos grupos da ilha.

» Festa do Santíssimo Salvador, em Santa Bárbara

No domingo, dia 17, missa (16 horas), procissão (17h30), arrematações e arraial com a Filarmónica União Ribeirense (19 horas).

» Percorso pedestre Caminho dos Biscoitos, em São João

Estão abertas inscrições para o trilho pedestre do Caminho dos Biscoitos, em São João, marcado para 23 de abril. Com grau de dificuldade médio, o percurso, com uma duração de três horas, tem uma extensão de sete quilómetros. As inscrições, limitadas a 40 lugares, são gratuitas e obrigatórias: 292 679 331 desporto-cmlp@gmail.com ou diretamente na Junta de Freguesia de São João.

» Feira do Livro

Hoje a feira funciona no Salão Paroquial de Santa Cruz e a 25 e 26 na Casa do Povo de São João (sempre das 15 às 22 horas).

D. Ximenes Belo já aceitou o convite

Colóquios da Lusofonia podem ser no Pico em 2018

Direitos reservados



» A Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL) pretende realizar na Madalena, de 2 a 6 de outubro de 2018, o primeiro colóquio nesta ilha, estando já confirmada a presença de D. Ximenes Belo, bispo timorense agraciado com o Prémio Nobel da Paz em 1996.

A realização desta iniciativa no Pico é há muito ansiada pela AICL que ainda não tinha conseguido o apoio necessário que garantisse a sua concretização.

Há poucos dias, durante uma deslocação de Chrys Chrystello, presidente da Direção da AICL, à ilha do Pico, José António Soares comprometeu-se em apoiar o 30º colóquio daqui a dois anos, caso vença as autárquicas de 2017. "O apoio logístico pedido foi concedido e iremos ter já o novo auditório para nos receber. Vamos tentar juntar aí escritores picarotos como Urbano Bettencourt e Judite Jorge, que já aceitaram, e homenagear os mortos. D Ximenes Belo mostrou-se disposto a estar mais uma vez presente e falar dos bispos açorianos no oriente", desvenda o responsável.

"O Pico há muito merecia este colóquio", diz-nos Chrys Chrystello, que desde 2013 tem procurado parceria nesta ilha de forma mais insistente. "As Lajes tinha dito perentoriamente que não tinha dinheiro e a Madalena sempre se mostrou interessada mas as datas nunca eram convenientes; São Roque não tinha capacidade para nos hospedar na altura e quando organizámos o último triénio nem nos responderam", conta, pelo que, em outubro de 2015, resolveu abordar apenas a Câmara Municipal da Madalena.

A capacidade de alojamento é um fator preponderante na escolha do local já que, em média, cada colóquio conta com 45 pessoas, desde organização a convidados deslocados.

Os Colóquios da Lusofonia acontecem duas vezes por ano com um programa de cinco dias: três a quatro dias de sessões e um dia dedicado ao turismo cultural. Pelo arquipélago, já passaram por São Miguel, Santa Maria e Graciosa. Santa Maria volta a receber em 2017, o Pico terá a sua estreia em 2018 e a Graciosa bisa em 2019.

Divulgação de autores açorianos

"Os colóquios têm permitido a divulgação de dezenas de autores açorianos que estão já a ser estudados em mestrados e doutoramentos na Roménia e Polónia e excertos de obras traduzidos em línguas como inglês, francês, italiano, romeno, búlgaro, russo, esloveno ou polaco", enfatiza Chrys Chrystello. Desta forma a AICL cumpre os propósitos pelos quais foi criada. A associação é "um movimento

cultural e cívico que visa mobilizar e representar a sociedade civil de todo o mundo, para pensar e debater amplamente, de forma científica, a língua portuguesa". Propõe-se, por isso, a "promover a investigação científica conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político – na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade". Para atingir tais desideratos, organiza diversas ações culturais, como os colóquios, e fomenta a divulgação de obras de autores portugueses.

"Em defesa da lusofonia, defendemos a nossa identidade como pessoas e povos, e em prol da variada língua comum com todas as suas variantes e idiossincrasias, impedindo que outras culturas e outros povos nos dominem cultural, económica ou politicamente, como alguns, ostensiva e claramente, defendem", como se pode ler nos objetivos da AICL.

Meteorologia

sexta, 15	sábado, 16	domingo, 17	segunda, 18	terça, 19	quarta, 20	quinta, 21
14º/9º	14º/9º	14º/10º	14º/11º	15º/11º	15º/11º	14º/13º
vento-ONO	ENE	N	NNO	N	E	NE
preia-mar 9h38 22h10	preia-mar 10h49 23h10	preia-mar 11h39 23h55	preia-mar 12h19	preia-mar 00h33 12h54	preia-mar 01h07 13h26	preia-mar 01h40 13h57
baixa-mar 03h34 15h56	baixa-mar 04h46 17h00	baixa-mar 17h48	baixa-mar 06h16 18h27	baixa-mar 06h49 19h01	baixa-mar 07h20 19h33	baixa-mar 07h49 20h04

Sousa & Filho, Lda.
Cais do Pico
Telf: 292 642 420

- Ferragens
- Materiais de construção
- Ferro
- Cimento
- Azulejos
- Loiças sanitárias
- Material elétrico
- Tintas Robbialac

Quando as palavras se acabaram

» A inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português. Esta inconstância assola-me ainda mais desde que me arquipelizei nos Açores há mais de on seis anos. Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito. De cada vez que saio da Ilha verde – e visito ou conheço nova ilha – enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude. Só posso viver numa mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.

Como pode uma pessoa vinda de outras culturas e continentes entender estas ilhas e suas idiossincrasias?

A partir de 2006 comecei a traduzir autores açorianos e publiquei dois volumes da *“CHRÓNICA-ÇORES: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores”*, cronicando as minhas viagens em volta do mundo.

Organizo desde 2001 os Colóquios Anuais da Lusofonia e sou atualmente o Editor dos Cadernos (De Estudos) Açorianos, que divulgam obras de autores açorianos e livremente acessíveis em linha (<http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-video-homenagens-bibliografia/2015-08-07-21-29-07.html>).

Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago? É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em *A Narcose*, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano. É preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os maroiços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim, meditar em frente ao ilhéu do Topo, extasiar-se no Caldeirão do Corvo e deleitar-se com as águas que em cascata pontilham as Flores... É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleeiros, reler o *Mau Tempo no Canal*, parar num qualquer aeroporto e entender o Passageiro em Trânsito do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo

Oculto de Vasco Pereira da Costa, Viajar com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, rever a Traceira de Jasus de Álamo Oliveira, visitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas de Daniel de Sá. A estes nomes a-leatórios há muitos outros a acrescentar de autores açorianos que não só merecem ser lidos, como deveriam constar.

Por isso escrevi

Que Dias de Melo era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia a palavra como um baleeiro, pescador, marinheiro, mestre de lancha da ilha do Pico. Escreveu como se da janela da sua “Cabana do Pai Tomás” no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras

Com os aborígenes australianos entendi como é possível preservar a língua e cultura mesmo sem haver escrita há 60 mil anos. Com os chineses apreciei o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, e com os timorenses, macaenses e outros aprendi saberes que fazem parte do meu quotidiano. É disso que os meus livros falam.

E continuo a citar alguns excertos: Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino. *Não sendo das Bermudas este triângulo isósceles, que nunca escaleno obscuro, seria ótimo pouso final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena, de seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos picos vocês habitam.*

Aqui, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasmo e arrebatava. Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Há cinco anos que não visitava a ilha mágica, o Pico magnético que me atrai e seduz. Um dos primeiros locais que quis visitar foi a casa de José Dias de Melo no Alto da Rocha do Canto da Baía. Aí perdi as palavras, as silvas retomaram posse de terrenos em tempos bem tratados e cuidados, a portinhola de madeira estralçada com as ripas no chão. As pedras soltas do caminho de acesso à casa, o abandono total à espera de uma decadência que a casa não merecia por mais pobre humilde que sejam as suas origens e as do seu habitante mais celebrado e ora esquecido.

Foi há apenas cinco dias que as palavras se me acabaram. Foram-se. Esgotadas. Caladas. Silentes como o breu da noite. Arrebatava-

CALHETA DE NESQUIM CASA DE DIAS DE MELO EM 2009



Este o aspeto degradado a que deixaram chegar a casa a contrastar com aquele que tinha em 2009, um ano após a sua morte

das por alguma força alienígena que não entendo. Sempre disse que um povo que não respeita a sua história e os seus vultos acabará, mais cedo ou mais tarde, como povo e dele restará um punhado de notas para a História. Tentei saber o porquê do abandono, falaram-me de disputas entre herdeiros e editores. Não quis saber então, e muito menos quero agora. Há desculpas que a gente não engole. Até podem ser reais ou legais ou mesmo morais mas nem por isso se tornam mais aceitáveis, palatáveis.

Um dos mais ricos patrimónios, ainda mal explorado, dos Açores é a sua riqueza literária. Há anos que venho pugnando e propondo a autarquias e entidades várias, a criação de roteiros culturais locais, para se celebrar a memória de autores e de suas obras, os seus passos terrenos, os locais onde nasceram e viveram, onde escreveram, onde sofreram e sonharam. Os passos que davam nas suas caminhadas diárias, as paisagens que os inspirava, os sons e os cheiros que rodeavam o seu meio-ambiente.

A contrastar a autarquia asfaltara o pequeno caminho de acesso, outrora irregular e em gravilha solta.

Fiquei imensamente triste, pensei

que ia encontrar a casa aberta ao público, como espaço museológico, com um guia habilitado, a falar-nos das suas lutas, da sua escrita e vim a encontrar estas imagens que me compungem.

Estas palavras que me abandonaram servem apenas para eu lançar um apelo pungente aos herdeiros do escritor para que honrem a sua memória e não deixem morrer a casa que bem serviria para contar as suas histórias de baleeiros. Há bens imateriais que se deviam sobrepor a quaisquer vantagens materiais desta propriedade a caminho da ruína.

Sei que a memória do homem e da sua obra podem ser dignificados e acredito que o serão, para preservar este cantinho de um autor que soube sempre honrar o Pico natal. É este Pico que amo e quero ver enaltecido, em vez de entregue às silvas e ervas daninhas que nunca quebraram nem amedrontaram o escritor dos baleeiros.

Da última vez que aqui estivera na ilha em 2011, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho. Ali me ocorreu a ideia peregrina de como

seria culturalmente interessante a aventura de “pedir emprestada” a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não se cobriam bilhetes. Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos. Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo.

Termo dizendo que a magia da vossa ilha, que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar, merece que a casa de José Dias de Melo seja mantida e aberta ao público em geral e aos fiéis como eu que ali peregrino sempre que vou ao Pico...

Chrys Chrystello

